

mostrou que a quantidade dobrou de 1999 a 2002: de cerca de 2,5 hexabytes (2,5 milhões de terabytes) para 5 hexabytes. O estudo mostra que 92% dessas novas informações estão armazenadas em disco rígido, isto é, em mídia magnética. Essa capacidade infinita da ampliação da memória - embora contraditoriamente destituída de lembranças - nega o homem como suporte de sua memória. Contida numa máquina, ela se torna virtual e se afasta do indivíduo, tornando-se "memória-prótese", como qualifica o pesquisador. A "memória-prótese" acumula registros, mas a memória humana não se constrói com tal armazenamento. São necessárias conexões, ligações afetivas para que as lembranças ganhem sentido. Lembrar e esquecer são componentes do processo de atualização do passado. "Confrontamo-nos com uma nova possibilidade de memória que não é aquela calcada na tradição dos documentos e da oralidade, como também na seleção e no esquecimento (...), mas sim, a que oferece, pela rede, a capacidade da democratização das informações e de realização plena de um novo humanismo através das novas tecnologias da informação, da velocidade eficiente e dos bytes", explica o historiador. Para Ribeiro,

a informática não é apenas tecnologia; trata-se de uma nova linguagem, capaz de oferecer uma memória informacional automatizada (a "memória-prótese"), introduzindo mudanças na construção da memória do homem contemporâneo e construindo um novo sentido para individualidade, podendo até destituí-la. Quanto à noção de tempo linear, há uma substituição gradual pela atomização do momento, do tempo presente. É como se o futuro já tivesse chegado. Mas, como imaginam alguns filmes de ficção científica como *Star trek* e *Guerra nas estrelas*, o futuro está sempre em outra galáxia, em outro mundo como se o futuro do nosso presente já tivesse se esgotado. Da análise do pesquisador surge a conclusão de que o futuro não é mais um alheamento. "Tentamos criar e nomear o momento em que vivemos, tarefa de que a história sempre se encarregou ao estudar o passado num dado presente. O homem medieval nunca se viu como medieval (...), nós, ao contrário, buscamos uma classificação que nos dê elementos não só para nos caracterizarmos hoje, mas também para projetarmos e controlarmos o futuro, no presente", explica Ribeiro.

Patrícia Mariuzzo

MUNDO DO TRABALHO

Mudanças geram impacto até nas relações pessoais

Os efeitos da globalização e do uso intensivo de instrumentos criados pela tecnologia da informação não impactam somente o mundo do trabalho e o padrão de emprego. A sociedade como um todo se depara com enormes mudanças nas suas relações familiares e interpessoais. O resultado é que, hoje, o cotidiano da família se aproxima cada vez mais do ambiente do próprio trabalho. A primeira evidência é a repetição de alguns modelos de gestão empresarial levados para o ambiente do lar. As pessoas, como as empresas, passam a terceirizar de forma radical suas tarefas. As atividades domésticas e o transporte de filhos ou mesmo de parentes a passeios, a médicos ou a festas, por exemplo, há muito são contratadas nas classes econômicas com maior poder aquisitivo, afirma o sociólogo Ricardo Antunes, pesquisador da Unicamp. Devido à necessidade de demonstrar maior empenho no emprego, muitos profissionais ficam ausentes de suas casas na maior parte do tempo ou estendem seu trabalho para o lar. Apesar dos poucos estudos com esse foco, pesquisadores apontam que as relações familiares têm procurado se adequar a isso, principalmente para driblar a falta de tempo livre para a convivência entre pais e filhos.



Reprodução

Trabalho invade o ambiente familiar

“A instabilidade e informalização do trabalho fez com que a vida das pessoas dentro de casa também se alterasse”, diz Antunes. “A readequação dos laços de família é uma imposição das circunstâncias”, ressalta. “Os filhos, por exemplo, têm de se habituar ao fato de os pais desaparecerem de cena durante uns tempos”, relata a antropóloga Jan English-Leuck, da Universidade de San Jose (EUA), à revista portuguesa *Grande Reportagem*. Ela é autora de um estudo sobre a cultura do Vale do Silício, na Califórnia, sobre a implantação cada vez mais rápida de tecnologia no cotidiano das pessoas.

COMPLEXO DE CULPA O alívio para a sensação de abandono que aflige as famílias veio com a popularização da expressão “tempo de qualidade”, seja nos consultórios especializados em terapia familiar ou nas conversas informais entre amigos. O mais importante, teoricamente, não seria mais a quantidade de horas presentes na vida do filho e sim a

qualidade desse tempo. Verdade? Há controvérsias. “Muitos hábitos e ações não são instantâneos, precisam de tempo para ser construídos. Não dá para ser pai ou mãe de minuto”, diz a psicóloga do trabalho Ana Cristina França, professora da USP. “Pensamos que a qualidade é maior, mas não é. As relações estão mais desgastadas, esgarçadas e desumanizadas”, completa Antunes.

Além da irregularidade desse tempo de qualidade à disposição, muitos pais acabam conciliando encontros familiares com “contatos ou oportunidade de negócios”. São os encontros com clientes no clube de futebol ou na apresentação de teatro do filho. “Mas os pais não encontram um tempo (para seus filhos) porque todos os objetivos que se propõem a cumprir são encarados tal como qualquer tarefa de trabalho a ser executada”, descreve a antropóloga Jan English-Leuck, ressaltando a semelhança entre o comportamento mantido dentro do ambiente de trabalho com o familiar.

TECNOLOGIAS NO RELACIONAMENTO Outra similaridade é o uso de tecnologias para rastrear o que os trabalhadores – ou, no caso, os filhos – andam fazendo. A crescente tendência das empresas em utilizarem esses recursos para saber como os funcionários usam a internet, por exemplo, também está

presente na relação entre pais e filhos. Celulares e bipes dão aos pais a sensação de que, mesmo ausentes, conseguem controlar a vida de seus filhos e estar por dentro do que acontece com eles.

“O celular, por exemplo, só serve como uma forma de controle se houver confiança e qualidade de vínculo entre duas partes”, diz Ana Cristina. Mas espionar filhos, recebendo um relatório periódico sobre o que eles andam fazendo, por meio de vários tipos de softwares – como *child-safe*, *watch righth*, *e-blaster* e outros – já é visto por muitos como um abuso. “É evidente que um procedimento como esse pode gerar nos filhos um sentimento de profunda frustração. Isso é tão devastador quanto os que ouvem conversas telefônicas ou lêem diários dos filhos”, considera o sociólogo José Pastore, especialista em relações de trabalho e desenvolvimento institucional, em seu artigo “Espionando seus filhos”, publicado no *Jornal da Tarde*.

RELAÇÕES SUPERFICIAIS “Com o excesso de informações, de instrumentos tecnológicos e de horários sobrecarregados, as relações entre as pessoas acontecem com mais velocidade e com menos compromisso de continuidade”, acrescenta a psicóloga Ana Cristina. “A linguagem e os conceitos empresariais são importados para as relações pessoais e recontextualizados na família”, cita a antropóloga americana em seu estudo.

Gabriela Di Giulio